

## A BISSEXUALIDADE EM MOVIMENTOS LGBTI+: (IN) VISIBILIDADE NA LUTA

MARIANA CORRÊA<sup>1</sup>; DANIEL GALUPPO<sup>2</sup>; RODRIGO VITAL<sup>3</sup>; MÁRCIO CAETANO<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – *mariana.mari.1d@gmail.com*

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – *danielgaluppok@gmail.com*

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – *rodrigovital@yahoo.com.br*

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas - *mrvcaetano@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa analisou narrativas sobre pessoas bissexuais em movimentos LGBTI+<sup>1</sup>, considerando, principalmente, o acervo de entrevistas do Centro de Memória João Antônio Mascarenhas<sup>2</sup> (CMJAM).

Exploramos como a bissexualidade foi percebida dentro dos primeiros grupos de encontros sobre a diversidade sexual e de gênero no Brasil e manifestações mais recentes, tendo o objetivo de interpretar como as menções do termo ‘bissexual’ e/ou referências sobre a ‘bissexualidade’ foram relacionadas, ou não, às discussões de agenda, direitos e violência dos sujeitos LGBTI+.

Assim, o estudo fez um panorama geral de entrevistas e publicações sobre a bissexualidade, enfatizando os movimentos que ocorreram no Brasil até os anos 90. Por fim, desejamos que o presente trabalho contribua com os diálogos atuais sobre identidades e diversidade sexuais na luta por direitos e igualdade.

### 2. METODOLOGIA

Escolhemos e analisamos informações de materiais audiovisuais do acervo do CMJAM – as entrevistas de Regina Facchini, Esdras Rodrigues, Caê Rodrigues e Alice Oliveira (pessoas bissexuais e/ou que falaram sobre o assunto nas entrevistas do acervo). Para isso, utilizamos pressupostos da pesquisa narrativa, visto que esta instrumentaliza o uso de histórias/narrativas sobre um tema com fins de compreender o fenômeno pesquisado (PAIVA, 2008).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas primeiras aparições do termo ‘bissexual’, ele já foi ligado ao indivíduos identificados com o até então chamado hermafroditismo (indivíduos ditos com sexo masculino e feminino no mesmo corpo), bem como já foi usado, em psicanálise, se referindo a pessoas que, supostamente, apresentavam um quadro psicológico de “feminilidade e masculinidade” simultâneas. Foi num dicionário (o Aurélio) que se fez uma das primeiras aproximações da bissexualidade com a noção de identidade sexual – o que ou aquele que sente atração sexual por, ou que mantém relações sexuais com indivíduos do sexo masculino e do feminino (LEWIS, 2012).

---

<sup>1</sup> Lésbicas, gays, bissexuais, travestis/transsexuais, intersexuais e demais existências e expressões de sexo, sexualidade e gênero.

<sup>2</sup> Projeto da UFPel que envolve ensino, pesquisa e extensão com a intenção de instituir e manter um espaço de identificação, sistematização, guarda, análise e difusão da história oral do ativismo LGBTI brasileiro – para saber mais, ver o site do projeto: <https://wp.ufpel.edu.br/memoriaslgbti/>

A bissexualidade foi desvinculada da combinação de “feminilidade e masculinidade psicológica” no anos 70, sobretudo, pelo ativismo na “liberação gay” entre os anos 60 e 70, incluindo a campanha de remoção da homossexualidade da lista de patologias do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM); o que foi conquistado em 1973 (LEWIS, 2012).

Considerando o policiamento sobre as sexualidades, qualquer existência relacionável à variação do comportamento sexual de uma pessoa pode ser vista, por quem interessa, como possibilidade de “cura” da homossexualidade – uma performance multissexual<sup>3</sup> pode ser vista como reforço da relação duária<sup>4</sup>, uma “prova” da “cura homossexual”, tal como aponta Regina Facchini em entrevista:

*“(...) a bissexualidade expõe uma fragilidade em relação à política” pois a variação do desejo sexual “abre portas pro discurso conservador para dizer que as pessoas podem deixar de ser homossexuais”.*

Nesse sentido, o sentimento de “ameaça” da estabilidade sexual criou/cria a necessidade conservadora de reafirmar a binaridade heterossexual-homossexual; o que pode contribuir na invisibilidade de identidades multissexuais, como a bissexualidade. Contudo, sabemos que a identidade bissexual não deixa de existir quando pessoas bissexuais vivem em relacionamento exclusivo com um único gênero (apesar da performance monossexual, a bissexualidade, como identidade, permanece). As ideias de condenação da suposta ambiguidade bissexual foi intensificada na epidemia da AIDS, com homens bissexuais sendo vistos como um vetor da doença, na medida em que se dizia que os maridos bissexuais eram responsáveis pela transmissão da doença a mulheres, com a saída deste problema sendo vinculada à resolução da suposta ambiguidade desses homens, que assim deviam se assumir homossexuais de vez ou dedicar-se a uma vida sexual exclusiva com mulheres (SEFFNER, 2016).

Em entrevista, Alice Oliveira conta o seu processo pessoal de descobrir a própria sexualidade – relatos que podem refletir as dificuldades sobre se perceber bissexual nas décadas de 80 e 90. Ela contou que teve diversos relacionamentos com homens, relacionamentos bons e ruins, mas que se incomodava pela falta de liberdade, como mulher, nesses relacionamentos. Ao sair com amigas lésbicas, sentiu uma diferença quando, por exemplo, não era cobrada de estar acompanhada por homens (um hábito moral da época). Assim, ela teve sua primeira experiência de relação com mulher num evento lésbico, se identificando como lésbica a partir daí. Na entrevista, em nenhum momento foi questionado ou citado, por ela e/ou pelos entrevistadores, a bissexualidade como algo possível. Se muitas pessoas se descobrem homossexuais depois de ter relações heterossexuais, quando uma pessoa teve relações boas e ruins com ambos os gêneros, deixar de cogitar a bissexualidade como possibilidade pode evidenciar a invisibilidade dessa identidade no contexto sociohistórico da época.

Já Regina Facchini, entrevistada que se identificou como bissexual, se envolveu com movimentos sociais desde os anos 80, falando sobre o ativismo LGBTI+ de forma geral e explicando a sua posição sobre a bissexualidade nesses movimentos:

---

<sup>3</sup> Multissexualidade é um termo usado na inclusão de todas as pessoas que se relacionam com dois ou mais gêneros (é uma palavra “guarda-chuva”). Significa o contrário de pessoa monossexual, como é o caso de lésbicas, gays e heterossexuais.

<sup>4</sup> Duário é um termo que nomeia o relacionamento entre um homem e uma mulher de qualquer sexualidade, podendo incluir também pessoas não-binárias de alinhamento masculino ou feminino.

*Eu não fiz ativismo para bissexuais. Eu fiz ativismo para gays, fiz ativismo para lésbicas, para travestis, para mulheres transsexuais e para homens trans e para bissexuais também. O ativismo para bissexuais que fiz era o que me dizia mais respeito pessoalmente, mas eu tive muito pouca oportunidade de fazê-lo.*

A pesquisadora relata pouca oportunidade para o ativismo sobre a identidade bissexual, dado as dinâmicas que eram produzidas nos grupos organizados:

*Para mim era muito tenso, porque as pessoas identificavam que qualquer mulher que tivesse no ativismo era lésbica. E me incomodava especialmente quando as pessoas pediam aqueles momentos de testemunho da trajetória pessoal. E elas ficavam me cutucando “fala mais da tua experiência lésbica”. E eu ficava muito chateada, porque elas estavam negando uma parte do que eu era. Então, minha relação com o movimento sempre foi uma relação muito difícil, porque o movimento, insistentemente, negava o que eu era (...)*

Foi nos anos 90, nos Estados Unidos, que a revista “Anything That Moves” fez um dos primeiros manifestos bissexuais organizados, desabafando sobre o cansaço das pessoas bissexuais serem definidas, analisadas e representadas por pessoas de outras identidades sexuais, além da bissexualidade ser desconsiderada quase sempre. O manifesto dizia que a monossexualidade<sup>5</sup> é ditame heterossexista<sup>6</sup>, sendo usada para oprimir homossexuais e negar bissexuais – embora já estivessem presentes em movimentos e organizações no Brasil, bissexuais ainda não tinham conseguido organizar/manifestar as suas subjetividades e reivindicações até então.

Regina Facchini diz que foi em 2004, no II Encontro Paulista GLBT (sigla que foi substituída por LGBTI+), que bissexuais puderam participar de forma politicamente organizada, levando questões subjetivas da bissexualidade, os estigmas sofridos e pautas como a criação de redes e visibilidade para combater a homofobia sem “combater” a bissexualidade. Em 2005, no Congresso da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), bissexuais leram uma carta aberta sobre a necessidade de falar na bissexualidade e do acolhimento de bissexuais nos movimentos brasileiros. Também em 2005 foi criado o Coletivo Brasileiro Bissexual (CBB), com Regina relatando a reação de outros segmentos:

*Passou naquele momento por piadinhas, por ridicularização, por achincalhação e por invasão do nosso espaço e por não reconhecimento. E as nossas demandas eram de reconhecimento da existência, da existência, de pessoas cujo desejo sexual varia (...)*

Esdras Rodrigues, outro entrevistado bissexual, deu ênfase à invisibilidade da sua identidade sexual:

*(...) uma questão que é muito prática usual do movimento LGBT, todo mundo esquece da letrinha “B” (...) o bissexual ainda é invisível. Era naquela época, ainda continua sendo hoje. (...) bissexuais (...) taxados de bichas que não*

---

<sup>5</sup> Monossexual é qualquer orientação sexual que envolve a atração exclusiva por um tipo de gênero. Esta pode ser hétero ou homossexual, ou ainda gine ou androssexual.

<sup>6</sup> Heterossexismo é a separação estruturalmente hierárquica e discriminatória, com estigmatização ou ódio contra qualquer orientação sexual diferente da heterossexualidade.

*saíram do armário, de bichas mal resolvidas. Então nós sofremos preconceito do próprio segmento LGBT, pela invisibilidade ou pela ignorância das pessoas.*

Assim, Esdras os episódios de violências e ameaças que sofria por ser bissexual, como a negação da sua sexualidade como identidade dentro do movimento LGBTI+.

#### 4. CONCLUSÕES

Em suma, a pesquisa expõe a possível persistência da invisibilização de identidades bissexuais, tanto dentro do movimento LGBTI+, quanto na sociedade em geral. Embora a letra “B” esteja presente na sigla LGBTI+, a identidade bissexual, muitas vezes, é esquecida, desvalorizada e/ou tida como ameaça à estabilidade das identidades hetero e homossexual; o que pode criar barreiras para pessoas bissexuais se reconhecerem e assumirem a sua identidade.

As falas de Regina e Esdras reforçam que uma das maiores lutas na bissexualidade é ter o seu reconhecimento e validação como identidade, já que as ações de invisibilização e de apagamento parecem ser constantes, inclusive na própria comunidade LGBTI+ (a falta ou diminuição de espaços e reconhecimento dentro do ativismo LGBTI+ parece um problema persistente).

Assim, o presente estudo sugere a escassez de representação e reconhecimento da bissexualidade em discursos relacionados aos movimentos por direitos dos sujeitos LGBTI+ desde a década de 90, no Brasil. Os relatos parecem demonstrar como a bissexualidade pode ser ignorada ou mal compreendida, apesar da busca por reconhecimento e legitimação, como as que foram relatadas por Regina Facchini e Esdras Rodrigues. Além disso, o estudo mostra a transformação da compreensão da bissexualidade no tempo, passando de uma visão que associava essa identidade a alterações corporais e psicológicas até a sua compreensão mais atual como identidade e/ou orientação sexual.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRD. **The Bisexual Manifesto**, Anything the Moves, 1990. Acessado em 10 set. 2023. Disponível em: <<https://bimanifesto.carrd.co/#manifesto>>.

LEWIS, E. S. **Não é uma fase: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais**. 2012. 267 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

PAIVA, V. L. M. O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Rev. Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2008.

SEFFNER, F. **Derivas da masculinidade - Representação, Identidade e Diferença no Âmbito da Masculinidade Bissexual**. São Paulo: Paco Editorial, 2016.